



EDUCATION IN TIMES OF DIGITAL CULTURE: OPPORTUNITIES AND CHALLENGES

DISSERTATION

MORAES, Gerson Leite de¹, SANTOS, Glaucia Macedo dos²

MORAES, Gerson Leite de. SANTOS, Glaucia Macedo dos. **Education in times of digital culture: opportunities and challenges**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Year. 08, Ed. 05, Vol. 02, pp. 75-90. May 2023. ISSN: 2448-0959, Access link: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/philosophy-en/times-of-digital-culture>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/philosophy-en/times-of-digital-culture

ABSTRACT

Education has been treated throughout its history as a space for experiences and innovations. In a time of digital culture, cyberspace and cyberculture are inescapable spaces, generating in educators and students the deterministic notion that there are no alternatives. Between apocalyptic and integrated, this article reflects on the role of digital culture in the educational field, trying to show that it is still possible to preserve values and transmit them in a moment of great and rapid transformations. Learning the dominant language (digital culture) is essential to change the system from within. This learning can create new worlds and new opportunities for educators and students.

Keywords: Digital Culture, Cyberspace, Cyberculture, Education, Opportunities.

WHAT IS DIGITAL CULTURE?

In contemporary times, there seems to be no more distinction between the real world and virtuality, what is perceived is an exchange that no longer allows the dismemberment of these spaces. Increasingly, so-called real life is determined by digital life. It can be said that today's social life has already turned into an electronic life or a cyberlife, as observed by Zygmunt Bauman. He says that,

[...] a maior parte dela se passa na companhia de um computador, um iPod ou um celular, e apenas secundariamente ao lado de seres de carne e osso. [...] Os adolescentes



equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver uma sociedade confessional. (BAUMAN, 2008, p.9)

Likewise, researcher Rogério da Costa states that:

A cultura da atualidade está intimamente ligada à ideia de interatividade, de interconexão, de interrelação entre homens, informações e imagens dos mais variados gêneros. Essa interconexão diversa e crescente é devida, sobretudo, à enorme expansão das tecnologias digitais da última década. Com forte crescimento da oferta e consumo de produtos ditos de última geração, já não se pode mais falar do futuro que bate às nossas portas, mas simplesmente de alguns novos hábitos disseminados entre milhões de pessoas por todo o mundo. Isso tem alimentado muitas fantasias e gerado grandes expectativas sobre a cultura digital nascente. São visíveis as inúmeras modificações presenciadas na esfera do trabalho, que tem seu dia a dia marcado cada vez mais pela forte presença dos computadores, da Internet e dos telefones celulares. No âmbito da educação, milhares de pesquisadores, professores e estudantes de todo o planeta apostam na Internet, enxergando-a como fator tecnológico principal na evolução do ensino a distância e presencial. (COSTA, 2008, pp.8-9)

When we think about the educational process, we are automatically induced to reflect on the relationship between an educator and a student, that is, the teacher-student relationship, or if we want to use a binomial that has been used a lot in recent times, the teaching-learning relationship. On this specific subject, it is worth remembering that sometimes there can be teaching, but not learning, in the same way, there can be learning, without there being the intention of teaching something (SCHEFFLER, 1974, pp.46-58).

It starts from the idea that there is a relationship between two or more entities that are imbued with an educational purpose, in this sense, the figure of the teacher as an educator and that of the student as a learner are images that are intertwined in the imagination of all those who think about teaching and learning. In this sense, John Passmore, in an analytical key, thinks that the concept of teaching permeates the two poles just mentioned.

Dito de outro modo, para se ser bom professor tem, não só que se saber algo acerca daquilo que se está a ensinar, mas



preocupar-se com isso e interessar-se pelos estudantes que se está a ensinar. Mais do que um 'diploma' que ateste que o professor adquiriu determinadas 'habilidades', importa que ele tenha conhecimentos sobre aquilo de que está a falar e esteja interessado em que os seus alunos aprendam o que espera ensinar-lhes. (PASSMORE, 1995, p.6)

However one looks at the teaching and learning process, it is impossible these days to think of education as something that does without technological innovations, even more so in times of Artificial Intelligence.

A questão do emprego e do papel dos educadores também se torna um debate quando falamos da presença da Inteligência Artificial na educação. Fabrício Spricigo, pedagogo do Câmpus Criciúma do IFSC e doutor em Educação pela Udesc com uma tese sobre as transformações da educação no contexto da sociedade 4.0, lembra que algumas instituições de ensino já adotam, por exemplo, robôs para a correção de provas de estudantes, o que pode reduzir postos de trabalho e prejudicar a qualidade do ensino. "Outra questão que assusta os professores é a questão do próprio plágio e da fonte. Se o estudante consulta suas produções textuais somente a partir dessa base de dados, como já temos o Google, o Chat GPT vem nesta mesma linha mas de modo mais aperfeiçoado, porque a Inteligência Artificial já faria esse trabalho [de conexão dos conteúdos], o que poderia ser utilizado de forma a burlar o sistema educativo, a forma como a avaliação é realizada hoje", afirma. (Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/ifsc-verifica/w/quais-os-impactos-do-chatgpt-e-da-inteligencia-artificial-na-educacao-#:~:text=Ela%20est%C3%A1%20ajudando%20a%20personalizar,nas%20necessidades%20individuais%20dos%20alunos>.> Acesso: 30 de abril de 2023)

Education and everything that involves it needs to be in constant dialogue with technological changes. In this sense, this article is dedicated to understanding what digital culture is, its impact on education and possible alternatives that bring hope at a time when education seems destined to submit to the excesses of technological innovations, such as, for example, the called hybrid teaching[3].

The school is not only a place where the social tensions of the community flow, it is also the first opportunity for many children and their families to have access to technological innovations[4]. It is worth recording what Hannah Arendt says, she reminds us of the role of the school as an intermediate space between the world of the home, that is, the private space and the "world" itself.



Normalmente é na escola que a criança faz a sua primeira entrada no mundo. Ora, a escola é, de modo algum, não o mundo, nem deve pretender sê-lo. A escola é antes a instituição que se interpõe entre o domínio privado do lar e o mundo, de forma a tornar possível a transição da família para o mundo. Não é a família, mas o Estado, quer dizer, o mundo público, que impõe a escolaridade. Desse modo, relativamente à criança, a escola representa de certa forma o mundo, ainda que não o seja verdadeiramente. (ARENDR, 2009, p.238)

In this perspective, it is worth remembering that children reproduce a series of arguments heard from adults, which, in turn, reverberate in our time of technological innovations, the products built in their ideological bubbles, which are usually impregnated with hatred and resentment. Today, for better or for worse, we are experiencing what the French philosopher, Pierre Lévy, defined as part of a digital revolution.

A fusão das telecomunicações, da informática, da imprensa, da edição, da televisão, do cinema e dos jogos eletrônicos em uma indústria unificada da multimídia é o aspecto da revolução digital que os jornalistas mais enfatizam. Mas não é o único, nem talvez o mais importante. Além de certas repercussões comerciais, parece-nos urgente destacar os grandes aspectos civilizatórios ligados ao surgimento da multimídia: novas estruturas de comunicação, de regulação e de cooperação, linguagens e técnicas intelectuais inéditas, modificação das relações de tempo e espaço. A forma e o conteúdo do ciberespaço ainda são especialmente indeterminados. Não existe nenhum determinismo tecnológico ou econômico simples em relação a esse assunto. [...] Não se trata apenas de raciocinar em termos de impacto [...], mas também em termos de projeto. (LÉVY, 2015, p. 11)

In this context, the notions of cyberspace and cyberculture gain strength and need to be well understood.

Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna 'universal', e menos o mundo informacional se torna totalizável. O universal da cibercultura não possui nem centro nem linha diretriz. É vazio, sem conteúdo particular. Ou antes, ele os aceita todos, pois se contenta em colocar em contato um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas (...) O ciberespaço se constrói em sistema de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o sistema do caos. (LÉVY, 1999, p. 111)



Cyberspace can be defined as a support, as the main mediator of a kind of collective intelligence[5], it would be like a community without a fixed territory, therefore, deterritorialized, born from the worldwide interconnection of computers, in the words of Lévy, “a communication space opened by the worldwide interconnection of computers and computer memories” (LÉVY, 1999, p.92).

In Levy's view, collective intelligence should be thought of in the improvement and improvement of social ties, in the synergy of competences and in the consolidation and improvement of the democratic system.

O problema da inteligência coletiva é descobrir ou inventar um além da escrita, um além da linguagem tal que o tratamento da informação seja distribuído e coordenado por toda a parte, que não seja mais o apanágio de órgãos sociais separados, mas se integre naturalmente, pelo contrário, a todas as atividades humanas, volte às mãos de cada um. Essa nova dimensão da comunicação deveria, é claro, permitir-nos compartilhar nossos conhecimentos e apontá-los uns para os outros, o que é condição elementar da inteligência coletiva (LÉVY, 2015, p. 15).

The dimensions of cyberspace and its multiple possibilities frighten users, who see themselves increasingly hostage to the tyranny of algorithms.

Com o ciberespaço, pela primeira vez se passou a compreender o que é exatamente estar diante de milhões de dados a nosso dispor, e, assim, entendeu-se quão paradoxal é essa situação. Os primeiros sinais de como se poderá lidar com isso chegam do próprio ciberespaço. De forma lenta, mas constante, está se construindo um novo modo de relação com a escolha: através dos sofisticados mecanismos de sugestão, que fazem a decisão dos indivíduos pender para determinado produto ou serviço. A cultura digital é a cultura dos filtros, da seleção, das sugestões e dos comentários. Os mecanismos de busca de última geração, os agentes inteligentes e as comunidades virtuais seriam estratégias que visam poupar os usuários do martírio da opção entre uma miríade de possibilidades. No confronto com o excesso, nasce a percepção de que as escolhas se orientam de modo muito mais complexo do que uma decisão simples e objetiva entre uma coisa e outra. (COSTA, 2008, p.34)

Cyberculture, on the other hand, is a form of knowledge that is born from digital integration and multiple interactions within the virtual space. There is a great debate



nowadays about between the human element and the machines that create cyberculture. Once again Pierre Lévy assists us here.

Para aqueles que não as praticam, esclarecemos que, longe de serem frias, as relações online não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual, nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço. Enfim, é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional (...) as comunidades virtuais exploram novas formas de opinião pública (...) o desenvolvimento das comunidades virtuais acompanha, em geral, contatos e interações de todos os tipos (LÉVY, 1999, pp. 128-129).

At a time when cyberculture does not only promote positive things, but also a lot of noise, even opening space for hate speech that is gaining new followers at breakneck speed, it is worth remembering what Maria Helena Souza Patto says in her work, *Psicologia e Ideologia*. She mentions “pseudoscientific ideologies” and comments on them as follows:

[...] ‘ideologias pseudocientíficas’ designa ‘as ideologias que, sendo regiões diferenciadas da ideologia dominante, costumam ser reconhecidas socialmente como ciências’. Em outras palavras, equivalem às representações do mundo que articulam os interesses dos setores hegemônicos e que são convertidas de discurso de uma classe em discurso da sociedade inteira. As representações pseudocientíficas substituem o conhecimento científico (que descobre) pelo discurso ideológico (que encobre). (PATTO, 1984, p.86)

Therefore, it can be said that we are experiencing a wave of pseudoscientific ideologies that end up gaining echo with today's technological innovations, such as social networks, which impose a challenge on all of us, proving to be gigantic for adults and even greater for our children. The big techs, that is, the large technology conglomerates such as Google, Twitter, Tik Tok, Meta (Facebook, WhatsApp and Instagram) and Telegram, are part of the daily lives of families anywhere in the world. We find ourselves at a generational crossroads, in which “analog beings” and “digital natives” coexist in the same space, but the adults in question perhaps know less than children, at least with regard to social networks and their dangerous behaviors. About digital natives, it is worth noting.



Nos últimos anos, cada vez mais se tem utilizado expressões como 'nativos digitais' (PRENSKY, 2001), 'geração Y' (AD AGE, 1993), 'geração digital' (TAPSCOTT, 1999) ou simplesmente '*millennials*' (STRAUSS & HOWE, 2000) para fazer referência à primeira geração que cresceu com a internet, uma geração extremamente habilidosa no uso técnico das mídias e no acesso aos recursos da web. Concordamos com Livingstone (2011) em reconhecer que as demandas da interface computacional são significativas e que isso pode ter instigado pais e professores a concluírem que a 'geração internet' já sabe tudo o que precisa. Entretanto, a autora chama a atenção para o 'verdadeiro desafio da atualização das mídias digitais, nomeadamente o potencial para a vinculação com conteúdo informativo e educativo, e para a participação em atividades on-line, redes e comunidades' (LIVINGSTONE, 2011, p.12). (PISCHETOLA, 2016, p.40)

In theory, in situations like those experienced by Hannah Arendt, in the sixties and seventies of the twentieth century, a period in which there were no social networks, it could be said, as below, that adults would be responsible for introducing children into the world.

Nessa etapa da educação, uma vez mais, os adultos são responsáveis pela criança. A sua responsabilidade, porém, não consiste tanto em zelar para que a criança cresça em boas condições, mas em assegurar aquilo que normalmente se designa por livre desenvolvimento das suas qualidades e características. De um ponto de vista geral e essencial, é essa a qualidade única que distingue cada ser humano de todos os outros, qualidade essa que faz com que ele não seja apenas mais um estrangeiro no mundo, mas alguma coisa que nunca antes tinha existido. Na medida em que a criança não conhece ainda o mundo, devemos introduzi-la nele gradualmente; na medida em que a criança é nova, devemos zelar para que esse ser novo amadureça, inserindo-se no mundo tal como ele é. No entanto, face aos jovens, os educadores fazem sempre figura de representantes de um mundo do qual, embora não tenha sido construído por eles, devem assumir a responsabilidade, mesmo quando, secreta ou abertamente, o desejam diferente do que é. (ARENDRT, 2009, p.239)

Perhaps, the adult's educational task remains the same, but what is being said is that in a time of social networks, which have shown that analogue adults are easily deceived by false news, children, perhaps for the first time in history, being contemporary digital natives, they have more to teach adults than to learn, especially in relation to the form of messages, whereas in terms of content, a well-educated adult



continues to play an essential pedagogical role in children's lives. On this subject, it is worth remembering what Pierre Bourdieu says. He claims that:

[...] cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito". (pp. 41-42)

The beginning of the 21st century and its technological innovations imposed new challenges on contemporary society, it can be said that we live in a constant crisis, as there is not much certainty in which direction to go. This crisis is not a sign of degeneration, but it should be seen as a sign of the upheaval of established structures. Technological innovations bring with them a series of opportunities, but also a set of risks that can lead society to an era of barbarism. Therefore, it is important to think with Adorno at this moment:

A tese que eu gostaria de discutir é a de que desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia. O problema que se impõe nessa medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie. Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação à sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isso que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por essa prioridade. (ADORNO, 2022, p.169)

The danger of barbarism is real and to combat it it is necessary to think of education as a way of preserving "civilization" and its values. Therefore, it is urgent to work on the relationship between technological advances and education. Since the intention is



to speak in this work of digital culture, perhaps it would be prudent to start the task by giving a definition of culture.

As definições de cultura são numerosas. Há consenso sobre o fato de que cultura é aprendida, que ela permite a adaptação humana ao seu ambiente natural, que ela é grandemente variável e que se manifesta em instituições, padrões de pensamento e objetos materiais. [...] Uma definição breve e útil é: a cultura é a parte do ambiente que é feita pelo homem. Implícito nisto está o reconhecimento de que a vida humana é vivida num contexto amplo, o habitat natural e seu ambiente social. A definição também implica que a cultura é mais do que um fenômeno biológico. Ela inclui todos os elementos do legado humano maduro que foi adquirido através do seu grupo pela aprendizagem consciente, ou, num nível algo diferente, por processos de condicionamento – técnicas de várias espécies, sociais ou institucionais, crenças, modos padronizados de conduta. A cultura, enfim, pode ser contrastada com os materiais brutos, interiores ou exteriores, dos quais ela deriva. [...] Um conceito popular de cultura é o refinamento, implicando na habilidade que alguém possui de manipular certos aspectos da nossa civilização que trazem prestígio. (SANTAELLA, 2003, pp. 30-31)

Digital Culture, which at the same time can be understood as an offshoot of traditional culture, given its specificity and its relationships with cyberspace, requires another type of approach and its own definition.

A Cultura Digital pode ser compreendida como o conjunto de hábitos, práticas e interações sociais que são realizadas a partir da utilização de recursos tecnológicos digitais. Essa cultura prosperou a partir do desenvolvimento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), que se fazem presentes no nosso cotidiano. Seu avanço possibilitou inúmeras contribuições à sociedade, transformou o mundo e a maneira como interagimos nele. Nossa sociedade permanece em constante crescimento e transformação, onde a Cultura Digital aparece como práticas sociais, que podem reconfigurar aspectos e funções das nossas vidas. A escola e seus professores, como parte da sociedade, encontram-se como atores que recebem essa cultura posta pelas tecnologias digitais, utilizada para os mais diversos fins, onde alteram fortemente as nossas formas de comunicação, informação e interação. (FERREIRA, 2020, p.2)

Everything that is new or that is simply not known so well, generates apprehension and fear. When talking about the presence of technology in education, something



paradoxical is perceived, as there is almost universal agreement that education needs to be in dialogue with technological advances, that digital culture is a reality and the educational field is not can stay out of cyberspace. But what causes so much discomfort in educators? What's the fear anyway? There are many possible answers, but it should not be forgotten that education deals with the idea of preservation or, to be more specific, an idea of conservation. Hannah Arendt exemplified this when she stated that all education deals with the principle of conservatism.

Evitemos os mal-entendidos: penso que o conservadorismo, tomado enquanto conservação, faz parte da essência mesma da atividade educativa cuja tarefa é sempre acarinhar e proteger alguma coisa — a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o antigo, o antigo contra o novo. A própria responsabilidade alargada pelo mundo que a educação assume implica, como é óbvio, uma atitude conservadora. (ARENDR, 2009, p.242)

It is noteworthy that the “conservative” principle in Arendt's words does not mean anything that is reactionary. Education is transmitted from generation to generation and this is the great legacy of humanity. Kant already said that:

Uma geração educa a outra. [...] O homem só pode ser tornar homem através da educação. Nada mais é do que aquilo em que a educação o torna. É de se notar que o homem só pode ser educado por homens, por homens que foram igualmente educados. [...] Talvez que a educação se torne sempre melhor e que cada geração subsequente dê um passo em direção ao aperfeiçoamento da humanidade; pois por trás da educação, aloja-se o grande segredo da perfeição da natureza humana. (KANT, 2019, pp.10-12)

Educating means transmitting something that is conservative and traditional to a generation that does not know the political weight of these expressions, but that needs to receive the legacy built by that social group that preceded it. Each new birth imposes on adults the need to pass on their knowledge. If adults deal with the traditional in terms of education, each child represents the revolutionary, even more so when, as mentioned earlier, we are going through a digital revolution as we are today.

A nossa esperança reside sempre na novidade que cada nova geração traz consigo. Mas, precisamente porque só nisso podemos basear a nossa esperança, destruímos tudo se



tentarmos controlar o novo que nós, os velhos, pretendemos desse modo decidir como deverá ser. É justamente para preservar o que é novo e revolucionário em cada criança que a educação deve ser conservadora. Ela deve proteger a novidade e introduzi-la como uma coisa nova num mundo velho, mundo que, por mais revolucionárias que sejam as suas ações, do ponto de vista da geração seguinte, é sempre demasiado velho e está sempre demasiado próximo da destruição. (ARENDR, 2009, p.243)

In this game of preserving and conserving the traditional and venturing into the new, the revolutionary, education needs, perhaps more than ever, to reflect on technological innovations in the world and their impacts, specifically in the educational field. Those who believe that the revolutionary will come through the hands of machines and technology are wrong. Bell Hooks, black American writer and educator, reminds us that education passes through the power of language. In his work entitled, *Teaching to transgress: education as a practice of freedom*, Hooks has a chapter dedicated to language, which can teach new words and teach how to create new worlds.

The author begins the chapter by comparing desire with language, showing the strength that the latter has, as it is capable of invading and violating the most private spaces of the mind and body. She mentions reading a poem in her freshman year of college, titled "The Burning of Paper Instead of Children".

The poem was against domination, racism and class oppression, but one verse in particular moved and disturbed her. Here's the verse: "This is the language of the oppressor, but I need it to speak to you." These words were imposed, took root in her memory and brought lessons that the author tried to share when dealing with the theme of language, as they awakened her awareness of a link between languages and domination.

Então, quando li essas palavras pela primeira vez e quando as leio agora, elas me fazem pensar no inglês padrão, em aprender a falar de modo contrário ao vernáculo negro, de modo contrário à fala quebrada, despedaçada, de um povo despossuído e desalojado. O inglês padrão não é a fala do exílio. É a língua da conquista e da dominação; nos Estados Unidos, é a máscara que oculta a perda de muitos idiomas, de todos os sons das diversas comunidades nativas que jamais ouviremos, a fala do



gullah, o iídiche e tantos outros idiomas esquecidos. (HOOKS, 2013, p.224)

The problem is not the English language itself, but what the oppressors have done with and through it, being able to convey shame, humiliation and colonization. Enslaved Africans who went to the United States lost their languages and had to learn English, which represented the strength of a colonizing European culture.

Quando imagino o terror dos africanos a bordo de navios negreiros, nos palanques dos leilões, habitando a arquitetura insólita das fazendas de monocultura, considero que esse terror ia além do medo da punição e residia também na angústia de ouvir uma língua que não compreendiam. O próprio som do inglês devia aterrorizá-los. (HOOKS, 2013, p.225)

The language of the oppressor, despite generating terror and fear, also presented itself as an opportunity to become a space of resistance, of forming bonds for those who were enslaved and had their freedom stolen.

Aprender o inglês, aprender a língua estrangeira, foi um modo pelo qual os africanos escravizados começaram a recuperar seu poder pessoal dentro de um contexto de dominação. De posse de uma língua comum, os negros puderam encontrar de novo um modo para construir a comunidade e um meio para criar a solidariedade política necessária para resistir. (HOOKS, 2013, p.226)

In this process of learning to resist, enslaved blacks appropriated the English language and transformed it into a counter language.

Embora na cultura contemporânea tenha se tornado comum falar das mensagens de resistência surgidas na música criada pelos escravos, particularmente nos *spirituals*, fala-se muito menos sobre a construção gramatical das frases nessas canções. Muitas vezes o inglês usado na canção reflete o mundo quebrado, despedaçado, dos escravos. Quando os escravos cantavam “Nobody knows de trouble I see –”, o uso da palavra “nobody” tem um significado mais rico do que se tivessem usado “no one”, pois o lugar concreto do sofrimento era o *corpo (body)* do escravo. (HOOKS, 2013, p.227)

It is the rupture of standard English that makes rebellion and resistance possible, as it enables blacks to forge a space for cultural production and for alternative epistemologies (different ways of thinking and knowing). The echo of this posture can



be seen in the existence of rap today, as it creates spaces in which the black vernacular is used to invite the dominant culture to listen to what this contemporary popular culture has to say.

Taking advantage of the reflections carried out by Bell Hooks, it can be said that digital culture is something inescapable, both teachers and students will have to live with this new way of existing and managing experiences, but far from being something that cannot be subverted and transformed into something liberating. Educators and students need neither be apocalyptic nor integrated, it is enough that they are revolutionaries capable of using the “language/platform” of the moment to communicate and transmit essential values to the teaching and learning process. Digital culture needs to be learned, it may be the language of the oppressor at the moment, but education agents (teachers and students) need it to communicate today. This is the great opportunity to create new worlds through old words. Digital culture does not need to be a straitjacket that inhibits and nullifies potential, it can be a tool that, if well managed, can make significant contributions to all those involved in the educational field.

BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2022. 4ª ed. revista.

ARENDT, Hannah. “A crise na educação”. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009. 6ª ed. pp.221-247.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

HOOKS, Bel. *A língua – ensinando novos mundos/novas palavras*. In: **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. pp. 223-233

BEMBEM, Angela Halen Claro; SANTOS, Plácida Leopoldina Amorim da Costa. **Inteligência coletiva: um olhar sobre a produção de Pierre Lévy**. *Perspectivas em Ciência da Informação (Online)*, v. 18, p. 139-151, 2013.

BOURDIEU, Pierre. “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”. In: **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. pp. 41-64



COSTA, Rogério. **A Cultura Digital**. São Paulo: Publifolha, 2008. 3ª ed.

FERREIRA, Jacques de Lima. **Cultura Digital e Formação de Professores: uma análise a partir da perspectiva dos discentes da Licenciatura em Pedagogia**. Educar em Revista, Curitiba, v.36, e75857, 2020, pp.1-19.

HÍBRIDO. Disponível em: <https://www.significados.com.br/hibrido/>. Acesso: 26/11/2022.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Lisboa: Edições 70, 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. (Coleção Folha: Grandes nomes do pensamento; v. 16).

PASSMORE, John. **O Conceito de Ensino**. Tradução de Olga Pombo. São Paulo: Ed: s/ed, 1995.

PATTO, Maria Helena Souza. **Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à Psicologia Escolar**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

PISCHETOLA, Magda. **Inclusão Digital e Educação: a nova cultura da sala de aula**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

QUAIS OS IMPACTOS DO CHATGPT E DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO? (Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/ifsc-verifica/w/quais-os-impactos-do-chatgpt-e-da-inteligencia-artificial-na-educacao-#:~:text=Ela%20est%C3%A1%20ajudando%20a%20personalizar,nas%20necessidades%20individuais%20dos%20alunos>). Acesso: 30 de abril de 2023

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHEFFLER, Israel. **A Linguagem da Educação**. São Paulo: Saraiva; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974.

APPENDIX - FOOTNOTE

3. It has been known for a long time that metaphors are part of the construction process of the educational academic field. Professor Israel Scheffler, already quoted in this work, showed this clearly. The “hybrid” concept that was used to classify the remote teaching modality brings with it something that perhaps was not initially perceived by educators, which is its sterile nature. According to a specific definition of hybrid, it can be said that: “**Hybrid** can be used to designate a type of **animal or plant**, a type of service, or a type of vehicle engine. Animal or plant hybrids are those procreated by two different species, but belonging to the same genus. It is the result of crossing



between two different species, or between two pure strains of the same species. An example of a hybrid animal is the crossing of a mare with a donkey, which results in a donkey or mule, having sterility as its main characteristic. According to **biology**, the more genetically distant the parents, the greater the probability that the resulting hybrid will be sterile. Sterility occurs when chromosome pairing errors occur during meiosis." Available at: <https://www.significados.com.br/hibrido/>>. Access: 11/26/2022.

4. "The expression 'digital divide' is related to the economic and social disparities, on a global scale, that exist between industrialized countries and developing countries. Generally, the concept refers to inequalities in the access and use of digital technologies, but the apparent simplicity of this definition hides conceptual issues that are difficult to resolve, even to explain. Is the digital divide a consequence of existing differences between the First and Third World or is it an additional cause? Is it an expression of socioeconomic inequality in the contemporary market system or a manifestation of a new and deeper inequality? Does the expression refer to the possession of technology or its use? And what technologies are we talking about?" (PISCHETOLA, 2016, p.21). The questions posed by the researcher are pertinent and deserve serious reflection to arrive at the answers, but in this work, despite recognizing their validity, this theme will not be addressed.

5. "Collective intelligence is that which is distributed among all individuals, which is not restricted to the privileged few. Knowledge is in humanity and all individuals can offer knowledge; there is no one who is null in this context. For this reason, the author states that collective intelligence must be incessantly valued. One should try to find the context in which the individual's knowledge can be considered valuable and important for the development of a given group" (BEMBEM; SANTOS, 2013, p. 142).

Submitted: May 1, 2023.

Approved: May 24, 2023.

¹ Advisor. Doctor in Philosophy from UNICAMP, Doctor in Religious Sciences from PUCSP. Master in Philosophy from PUCCAMP. Bachelor of Theology from Universidade Presbiteriana Mackenzie; Bachelor and Degree in Philosophy from USP; Degree in History from UNAR. ORCID: 0000-0002-8464-983X. Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010089030033594>.

² Master in Education, Art and Cultural History from Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduated in Pedagogy from Universidade Presbiteriana Mackenzie. ORCID: 0009-0002-4911-2890. Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1960144486548745>.